

## Desnorte-mundiado

Viviane de Carvalho Cid  
UFF  
[cid.viviane@gmail.com](mailto:cid.viviane@gmail.com)

Daniela Corrêa Siqueira  
UFF  
[danielasiqueira@id.uff.br](mailto:danielasiqueira@id.uff.br)

### Resumo

A presente proposta parte de dois dispositivos inspirados na experiência-pesquisa de acompanhar a participação de professores nos encontros mobilizados pela pedagogia do dispositivo do projeto de extensão Cinema de Grupo, desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Imagem e Som (Kumã/UFF) desde 2018. Tem-se como recorte os grupos compostos, majoritariamente, por professores de educação básica. Os encontros não exigem nenhum saber prévio, não tem o intuito de serem formativos, são convites para as criações pelo encontro a partir de um fazer-imagem.

**Palavra Chave:** Cinema de Grupo; Dispositivo; Desnorte-mundiado

### INTRODUÇÃO

A proposta que trazemos aqui tem como disparador a experiência-pesquisa de acompanhar professores nos encontros mobilizados pela *pedagogia do dispositivo*<sup>1</sup> do projeto de extensão Cinema de Grupo - Kumã, que é desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Imagem e Som do Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense (Kumã/UFF).<sup>2</sup> Esse projeto de extensão, o Cinema de Grupo acontece desde 2018, sob a coordenação dos professores Cezar Migliorin e Douglas Resende. Ele consiste em encontros semanais que integram práticas relacionadas ao cinema, à educação e à clínica. Os participantes desses grupos se envolvem em processos criativos coletivos que são estimulados pela *pedagogia do dispositivo*. Essa abordagem utiliza elementos do cinema (imagem, som, escrita, entre outros) como disparadores de experimentações criativas.

---

<sup>1</sup> A pedagogia do dispositivo está sendo desenvolvida através de projetos que tem como base experiências coletivas dinamizadas por dispositivos – desafios com regras comuns pautadas em simples aspectos cinematográficos – que colocam sujeitos e o mundo em interação de construção a partir de atos inventivos e de sensibilização que fogem dos caminhos pré-estabelecidos (Migliorin; Pipano, 2019).

<sup>2</sup> Desde 2011, o Laboratório existe como consequência de uma parceria entre a Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu e o Departamento de Cinema e Vídeo da UFF (Migliorin, 2015).

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Na verdade, a experimentação com dispositivos de cinema suscita processos artísticos e subjetivos que rompem com o automático e nos levam a descobrir outras formas de praticar outros modos de existência. Temos como recorte os grupos compostos, majoritariamente, por professores de educação básica. Os encontros não exigem nenhum saber prévio, não tem o intuito de serem formativos, são convites para as criações pelo encontro a partir de um fazer-imagem. Partindo da hipótese de que o cinema, tal como é defendido aqui; ao se propor a um fazer imagem em grupo sem a centralidade de sujeitos ou modelos representativos, narrativos, identitários e autorais; pode provocar desvios singulares, sendo uma aposta no cinema como prática de cuidado por serem disparadores de reformulações do sensível ao gerarem experiências comuns edificadas em trocas múltiplas que levam a invenções diversas de si, do mundo e da própria vida.

## DISPOSITIVOS

Traremos aqui, dispositivos que fizeram parte de um grupo muito singular que coordenamos, tais dispositivos correspondem aos encontros 23 e 24 de 2021. O grupo vinha de uma série de dispositivos que tinha nos levado a um “*engano geográfico*” e continuávamos vagando entre se perder e se achar, experimentar e criar.

Tem vezes que o processo de experimentar é tão forte que perdemos as margens e apenas seguimos. No entanto, o assobio da Matinta Perera nos fez perceber que sim estamos desnorteados pelo transbordamento do mundo, mas ainda temos o vestígio daquele primeiro gesto de criação em torno do mapa. No fundo, o fato de não vermos as margens o tempo todo não quer dizer que só existam correntezas. Assim, bem da verdade, sempre continuamos aquele primeiro gesto de cartografar. Cartografar é criar juntos trajetos que façam sentido. Retraçar para poder sentir gera desnorte, mas também abre caminhos. (Trecho do relato enviado por e-mail do encontro 24, 2021).

“Desnortear”, um assobio da Matinta Perera que fica à espreita. Assobio da desorientação. Um ser que durante o dia se esconde em sua forma humana na floresta, para a noite se transformar em pássaro, assobiando acima das casas, aguardando que alguém atenda ao seu chamado e a oferte um presente.

“Mundiado”, condição de quem perde o caminho de casa por estar com excesso de mundo. Tanto a lenda, quanto a expressão compõem a cultura da região norte e nos chegou durante um processo de cinema de grupo com professores, através de uma professora participante, em 2021. Ganhamos ali, ou percebemos neste momento enquanto grupo em experimentação, que tínhamos uma dimensão de desorientação. O assobio é índice sonoro do se perder de casa, mas nos faz habitar um excesso de mundo, com território suficiente para não sucumbirmos.

Podemos perceber certo movimento que compõe o processo criativo dentro do cinema de grupo: desterritorialização-reterritorialização. Re-territorializar, desfazer para refazer-se territórios para caminhar sob certa desorientação e sob velocidades diversas, possibilitando o

vagar através da diferença do caminho para encontrar o desconhecido, o inesperado, o acontecimento e outros mundos.

Tomamos aqui o conceito de ritornelo de Deleuze e Guattari como lente para perceber esse movimento do processo de criação dentro do cinema de grupo: “o grande ritornelo ergue-se à medida que nos afastamos de casa, mesmo que seja para ali voltar, uma vez que ninguém nos reconhecerá mais quando voltarmos” (2023, p. 226). A desorientação indica que há uma repetição que prevê uma diferença própria do ato de retorno. Quando voltamos, nem nós ou nosso ponto de origem está exatamente igual. É a dobra do próprio tempo e espaço do que foi, com o que está sendo e abrindo o que vai ser: fomos para retornar sendo que a volta em si não existe porque ela sempre será uma diferença em relação àquele que partiu; bem como, quem retorna, paradoxalmente, chega a uma terra natal nunca habitada.

Para experimentarmos o “desnorte” da Matinta Perera que nos leva a refaz-ser em território mundiado, pelo encontro atravessado de outro e do mundo, propomos dois dispositivos para este trajeto “destornte-mundiado”:

#### **Dispositivo 1:**

- Produzir um som mobilizado pela ideia de desnorte, sem palavras;
- Ouvir juntos.

#### **Dispositivo 2:**

- Escolher um som (dispositivo 1) de outro participante;
- Produzir um vídeo de 30 segundos para esse som, mobilizado pela ideia de mundiado.

### **CONCLUSÃO**

Procuramos ilustrar com dispositivos utilizados no Cinema de Grupo do Laboratório Kumã, processos criativos vivenciados em grupo que culminaram em uma “travessia desnorte-mundiada. Inspirados na Martinta Pereira vivenciamos o movimento de desorientação e de refazimento. Podemos assim concluir que os dispositivos não apenas disparadores, eles também são “fazimentos” de conceitos e de mundos

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 2023.

MIGLIORIN, Cezar. Inevitavelmente Cinema: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.

MIGLIORIN, Cezar. et al. Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos. Niterói (RJ): EDG, 2016.

MIGLIORIN, Cezar; Pipano, Isaac. Cinema de Brincar. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

MIGLIORIN, Cezar. Cinema e clínica: notas com uma prática. Revista Metamorfose, v. 4, n.4, p.31- 46, 2020.

MIGLIORIN, Cezar. et al. Cinema de grupo, notas de uma prática entre educação e cuidado. Revista GEMInS, v. 11, n. 2, p. 149-164, mai./ago. 2020.

MIGLIORIN, Cezar. Cinema e clínica: a criação em processos subjetivos e artísticos. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2022.